

O FUNCIONAMENTO DA AUTORIA NA WEB, FOCALIZADO NO SISTEMA COMPUTACIONAL DENOMINADO NELL

Estevam Rafael Hruschka¹

Resumo: O presente trabalho de pesquisa objetiva refletir sobre o funcionamento da autoria em um sistema computacional - NELL – (Never Ending Language Learning) destinado a ler informações na WEB com a finalidade de formar o maior acervo de conhecimentos construído até hoje e armazenado em um só local. Sua fonte de coleta de dados é a Internet, e por meio de um processo de leitura contínua o programa se abastece de todo o conteúdo nela inserido. Obedecendo a um método de relações entre as informações recebidas, formará uma base de conhecimentos própria, constituindo, com isso, respostas imediatas sobre qualquer assunto que lhe for proposto. Como os primeiros resultados foram tão significativos que estão mexendo com a comunidade científica da área de computação, este programa está sendo visto como uma revolução nesse domínio.

Palavras-chave: Discurso; autoria; NELL.

Abstrat: This research work aims at giving thought to the authorship concept when applied to a computational system – NELL – that was designed to read the WEB in order to automatically build the bigger knowledge repository ever built and stored in a single place. The internet is the primary input source for the system, and using a so called “never-ending” reading process, the computer program is capable of accessing and fetching the whole internet content. Following the idea of exploring the relations among concepts, contexts and facts stated over the internet, the computer system will generate its own knowledge base, which will allow it to immediately answer questions on any domain. Considering the promising initial results obtained so far, the computer science research community is giving a lot of attention to NELL.

Keywords: Speech, authorship, NELL.

“Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala”, afirmou Beckett, de quem Michel Foucault emprestou o enunciado quando da sua palestra-aula sobre sua obra “O que é um autor”, e que a reescrevemos para ilustrar o controverso ambiente que se habitará na elaboração da pesquisa sobre a questão do **autor** de uma obra/programa computacional, **tema** deste trabalho.

¹Possui graduação em Letras (Português-Inglês) pelo Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), São Carlos. Atualmente é aluno do curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar.

Embrenhando-se nessa seara fértil, em que algumas das principais obras que sustentam os princípios constituintes e dão 'status' de ciência à Linguística Contemporânea trazem dúvidas quanto à autoria, como exemplo, o Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure. A busca pela elucidação da autoria do NELL enfrentará uma fase de transição no sistema de comunicação, pois este programa está inserido na mais nova e ainda desconhecida senda para a qual envereda vertiginosamente o processo comunicativo: o meio eletrônico.

O fato de ser um domínio que se encontra em franca evolução, e até mesmo em ebulição porque o avanço é desenfreado, já seria motivo suficiente para que pesquisadores acorressem em massa para deslindar os caminhos futuros que esse fenômeno tomará, e mais então quando se tem em mãos algo que poderíamos comparar com o majestoso sonho que embalava os estudiosos da Antiguidade Clássica que era construir uma Biblioteca Universal, na Alexandria, onde estaria armazenado todo o conhecimento existente na face da terra. Só que o sonho frustrou-se naquela época, primeiro pela falta de espaço físico e condições de manutenção daquele material e depois ninguém conseguiria tomar ciência de todo esse conteúdo, não haveria tempo hábil para isso. Talvez houvesse um bibliotecário com conhecimento dos títulos de todas as obras ali existentes, mas não o inteiro teor.

Hoje podemos imaginar que essa biblioteca esteja ao nosso dispor a curto prazo, por enquanto ela está dispersa, localizada num espaço que denominamos Internet, e já possuímos uma espécie de bibliotecário que nos indica os trabalhos ali existentes com os conteúdos que buscamos (mecanismos de busca como o Google, por exemplo).

O NELL será o que poderíamos comparar com esse bibliotecário, só que ele deverá saber todo o conhecimento que houver sido armazenado nessa biblioteca, metaforicamente "espacial", e dará literalmente as respostas às consultas, será o nosso interlocutor virtual que leu e armazenou na memória tudo sobre qualquer assunto que ali houver sido tratado.

O projeto do NELL está diretamente vinculado ao objetivo geral da inteligência artificial desde a sua criação (em 1956). Um dos principais objetivos da inteligência artificial (na época de sua criação como área de pesquisa) era a construção de um "computador" capaz de reproduzir a inteligência humana. Um dos primeiros testes projetados para se identificar se um computador era inteligente ou não, foi o teste de Turing. Este teste propõe que se tenha um observador O, um computador C e uma pessoa P. Sem que o observador O tenha conhecimento, deve-se colocar a pessoa P em uma sala e o computador C em outra. A partir daí, deve-se permitir que o observador comunique-se com P e C através de perguntas e

respostas. Neste teste, o computador C será considerado inteligente caso o observador O, após algum tempo de interação com P e C, não consiga dizer com certeza em qual sala está o ser humano e em qual está a máquina. Tal teste acabou sendo um dos motivos para a grande decepção da sociedade em geral com a inteligência artificial (IA), pois não existe ainda uma máquina capaz de "passar" no teste de Turing com louvor.

A leitura da web é um projeto que utiliza o programa prático de "ler a web" e aprender através desta leitura, para mostrar que com o atual desenvolvimento das técnicas de aprendizado de máquina, recuperação de informação e processamento de língua natural, é possível construir um computador "inteligente" e capaz de adquirir mais e mais conhecimentos, assim como nós, seres humanos, fazemos. Para tanto, está sendo construído um programa de computador (chamado NELL-Never-Ending Language Learner) que tem como base um novo paradigma de aprendizado de máquina (chamado "aprendizado sem fim" - Never-Ending Learning). Assim, na "leitura da Web" realizada pelo NELL a ideia central é que o aprendizado deva ser contínuo (ou sem fim) e distribuído. Ou seja, este novo paradigma de aprendizado de máquina propõe que a experiência e conhecimentos gerais podem auxiliar o computador a aprender mais e melhor com o passar do tempo. Desta forma, o NELL não busca aprender somente sobre um determinado tema ou um foco determinado. Ele lê a Web aprendendo sobre tudo que consegue, e usa seu conhecimento geral para auxiliá-lo em tarefas mais específicas de seu aprendizado a partir de diferentes vozes produzidas pelos mais diferentes sujeitos – empíricos e metálicos. Compreender como essas diferentes vozes se organizam, constituindo o princípio da autoria é o objetivo primeiro desta pesquisa.

Este estudo terá como alicerce teórico-metodológico os fundamentos da Análise do Discurso da linha francófona, mais especificamente enquadrada aos olhares inovadores que Dominique Maingueneau lança sobre esta área de estudos, cujos preceitos, ao que se imagine por exemplo que um objetivo do NELL seja aprender sobre as cidades do mundo e suas características (como localização, área, população, empresas presentes, etc.). Utilizando o aprendizado de máquina tradicional, normalmente, o programa de computador seria definido apenas para o aprendizado de cidades. Já o NELL busca aprender sobre cidades e também sobre outras coisas que possam estar relacionadas (ou não) às cidades. Assim, o NELL aprende também sobre países, por exemplo, e usa este conhecimento para não se confundir. Sabendo o que é um país e o que é uma cidade fica mais fácil não se confundir e dizer que o Brasil, por exemplo, é uma cidade. Outro exemplo seria: sabendo o que é um peixe e o que é um mamífero, é mais fácil saber que um golfinho é um mamífero e evitar um erro muito

comum em categorizá-lo como um peixe. Assim, o NELL aprende sobre uma ampla gama de domínios para poder ter conhecimento suficiente para sanar confusões e dúvidas que podem surgir durante o aprendizado. Outro aspecto importante do aprendizado sem fim (além da aquisição de conhecimentos gerais e não somente específicos) é o acúmulo de experiência. Como nós (seres humanos) vamos ganhando maior poder de aprender conceitos mais complexos, após termos adquirido conhecimentos mais básicos e simples (é mais fácil aprender álgebra depois de ter aprendido as operações aritméticas básicas) o NELL se utiliza de sua experiência acumulada para auxiliá-lo no processo de aprendizado futuro. Da mesma forma que um funcionário mais antigo em uma empresa consegue identificar situações que podem levar a equívoco e evitá-las. Com o passar do tempo o NELL consegue identificar estratégias que não trazem muito sucesso no aprendizado e pode alterá-las de maneira a otimizar o processo de aprendizado.

Com base nestes dois princípios e algumas outras estratégias mais simples, o NELL busca ler a web e montar a maior base de conhecimento do mundo. Tal base de conhecimento deve, no futuro, conter todo o conhecimento disponível na web e será atualizado constantemente de forma automática. Então, ao invés de se fazer uma busca de quais páginas da web contêm uma informação que eu procuro, no futuro, poderei perguntar e obter a resposta para minha pergunta de forma direta, e sem ter que ler algumas páginas web para isto.

Discursivamente falando, para dar conta de sua empreitada o NELL se organiza anos antolha, têm uma abrangência e uma objetividade capazes de abarcar, e desembaraçar as diversas proposições e as discrepâncias que, por certo, aparecerão no desenvolvimento desta tarefa.

Também, longe de imiscuir-se na elaboração de algoritmos, na linha que Michel Pêcheux imaginou para a construção da “Máquina Discursiva”, que reuniria um conjunto de instrumentos metodológicos para uma Análise Automática do Discurso (AAD-69), equipamento esse que deveria realizar um trabalho similar ao que é a propositura do NELL, essa pesquisa restringir-se-á na verificação do funcionamento da autoria desse programa.

Para Maingueneau, apesar de a questão do autor ser, desde há muito no estruturalismo, e do célebre artigo de Barthes sobre “A morte do autor” (1968), objeto de reflexão em Teoria Literária, o debate jamais cessou, voltando-se, regularmente a falar do “retorno do autor”, e muitos analistas do discurso, da área francófona, procuram desviar da questão posta por Michel Foucault no final dos anos 1960: “O que é um autor?” Maingueneau (2008, p. 34)

afirma que a “[...] noção de autor é indissociável da noção de texto”, considerando-se o texto como uma unidade à qual, normalmente, é ligada uma posição de autor, mesmo que esta última não seja um indivíduo em carne e osso. Segundo Maingueneau (2008): “Para a análise do discurso, que, para além da oposição texto/contexto se esforça em pensar a imbricação recíproca de textos e de lugares sociais, a autorialidade deveria ser uma questão central”. Com efeito, embora busquemos respaldo nas proposições de Maingueneau sobre a autoria, tentaremos, em boa medida, rever alguns de seus postulados, pois trabalharemos com um objeto bastante distinto do que o frequentado por este estudioso em suas reflexões sobre a autoria.

Falar sobre autoria é tarefa árdua até para os grandes prógonos e eminências das pesquisas em lingüística. O autor é um insigne personagem languageiro que acamaleoa-se na história ajustado pelos teóricos da linguagem nas diferentes fases anuancadas pelas tendências, nesse undoso oceano do conhecimento, que é, segundo Imre Lakatos, perpassado por longos períodos de estabilidade, que por vezes são entrecortados por Revoluções Científicas, só que esse movimento não é considerado especificamente um avanço, uma superposição de novas concepções, mas uma expansão da extensão do conceito, e quando os novos ajustamentos teóricos ultrapassam os limites do cinto protetor das concepções básicas anteriores, observamos uma mudança de paradigma, e que, agora, o que ele considera como Núcleo Firme, alicerçado, adaptado e expandido com novos componentes solventes, será capaz de esclarecer ou dar conta de explicar a inextricabilidade surgida, pois que a teoria anterior não estava suficientemente municiada de recursos teórico-metodológico para produzir uma solução. E será essa nova composição que norteará, a partir daí, os conceitos defendidos. O que é importante notar é que não há um progresso linear ou consequente dos fundamentos teóricos e sim um novo componente integrado ao processo que vai-se somando às teorias anteriores, sem descartá-las por obsoletas, já que sempre serão fontes contributivas de pesquisas científicas.

Este trabalho está entrevisto por dois focos de pesquisa, de um lado a questão de autoria na rede mundial de informação que ainda é incipiente, sendo um fenômeno relativamente recente, nada está sedimentado, é obscuro o entendimento sobre o funcionamento da autoria neste campo, as origens não são precisas, há que se obedecer normas que identifiquem quem de direito, quais os fundamentos que tornam possível uma obra também neste território para se ter referentes e deslindar metodológica e cientificamente,

embasado em fundamentação teórica, quais pressupostos preceituam os estágios da emergência de um autor.

Num período em que o processo comunicativo passa por uma transição, saindo da fase do impresso tradicional para uma nova era que emerge no seio de uma evolução tecnológica sem precedentes, e trabalhar dentro dessa revolução, acompanhando o progresso inexorável é nosso ofício, pois a Análise de Discurso deve estar na vanguarda desse fenômeno, liderando as pesquisas em todos os segmentos, para entender e exercer a função que lhe cabe.

Os avançados recursos tecnológicos mostram a inexorabilidade de uma nova tendência. As publicações já não obedecem à mesma ritualística da fase gutenberguiana.

Navegando nesse suporte eletrônico, na busca da compreensão desse movimento da circulação de informações na WEB, este trabalho focaliza o funcionamento da autoria nesses domínios e toma como objeto específico o sistema computacional denominado NELL.

Como o mundo encontra-se, hoje, em fase de transição entre o regime tradicional de dominação do impresso e um “regime digital” em permanente evolução que está alterando a figura do editor clássico para o desenvolvimento fulgurante da autoedição, e até a comercialização está sendo realizada por livrarias virtuais, toda essa atividade não seria possível sem a internet, que condiciona a fabricação e a difusão do livro. A significação do elemento “edição” no termo “autoedição” não corresponde mais à edição tradicional por conta do autor. Seria isso passageiro ou estabilizar-se-á um novo regime de autoralidade?

O programa computacional NELL se dá a partir da organização de diferentes vozes. Essas diferentes vozes são colocadas em diálogo por meio de uma *participação*, isto é, cita-se um discurso com base em outro discurso já legitimado pela comunidade científica. Dito de outro modo, o funcionamento da autoria no NELL se dá a partir da *participação* de saberes produzidos pelos mais diversos especialistas nas diferentes áreas do conhecimento.

Assim como Michel Foucault comenta no início da sua palestra em que fala de sua Obra “O que é um Autor”, em que seus ouvintes interlocutores reclamam que ele não reconstitui na integralidade as teorias ou as obras de autores que cita, ou aborda-as sob outro ângulo, ele contra-argumenta, pois que na realidade, era o seu intento buscar regras que se podem encontrar nessas obras, para pensar os mecanismos e condições de funcionamento de práticas discursivas, nesse caso, o conteúdo não importava, por isso, era também possível aproximar autores de princípios completamente antagônicos. Tal qual Foucault, este estudo não apresentará daguerreótipos teóricos, tratando de adequá-los a objetos específicos, arrastado pela sombria obstinação de axiomas incontrovertidos.

Amplio é o espectro, de dimensões ainda insondáveis o trato que se pretende objetivo dessa função, como se verifica em todas as observações externadas pelos teóricos que se propõem a analisar o assunto, se for abordada numa amplitude histórico-sociológica, a personagem do autor. Como se individualizou em nossa cultura; a partir de que momento começou-se a pesquisar a autenticidade e a atribuição; qual sistema de valorização foi utilizado para atribuir-lhe um estatuto; quando teve início a consideração da vida dos autores como heróis, ou a marcante relação entre o homem-e-a-obra, são pertinências que estenderiam sobremaneira uma pesquisa, como explica o mesmo Foucault, que sintetiza sua abordagem sobre a relação do texto com o autor, a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior. Obedecendo esta concisão, aqui se leva a efeito uma sondagem linguística sobre o funcionamento das inúmeras vozes que contribuem para a formação do acervo que o NELL está constituindo, qual o peso e a significância dessas interveniências.

Peço emprestada a Beckett a formulação para o tema que gostaria de partir: “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala”. Creio que se deve reconhecer nesta indiferença a um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea. Digo “ético”, porque tal indiferença não é inteiramente um traço que caracteriza o modo como se fala ou como se escreve; é, sobretudo, uma espécie de regra imanente, constantemente retomada, nunca completamente aplicada, um princípio que não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática. Não é necessário analisar com pormenor esta regra, dado que é por demais conhecida; basta especificá-la aqui através de dois dos seus grandes temas. Primeiro, pode dizer-se que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: só se refere a si própria, mas não se deixa porém aprisionar na forma da interioridade; identifica-se com sua própria exterioridade manifesta. O que quer dizer que a escrita é um jogo ordenado de signos que se deve menos ao seu conteúdo significativo do que à própria natureza do significante; mas também que esta regularidade da escrita está sempre a ser experimentada nos seus limites, estando ao mesmo tempo sempre em vias de ser transgredida e invertida; a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem: é uma questão da abertura de um espaço onde o sujeito de escrita está sempre a desaparecer. O segundo tema é ainda mais familiar, trata-se do parentesco da escrita com a morte. (FOUCAULT, 1992. p.34-35).

Em cada domínio, a interpretação tem natureza diversa, o sentido de uma sequência só é materialmente entendido quando se entende que esta sequência pertence a esta ou àquela formação discursiva, formação esta constituída, margeada pelo que lhe é exterior, logo, por aquilo que aí é estritamente não formulável, já que a determina.

Sírio Possenti diz, em seu artigo sobre Indícios de Autoria, numa analogia à pergunta formulada à Louis Armstrong: o que é o jazz? E a resposta foi: o jazz não é um “o quê”, mas um “como”, que também um texto, acima de tudo, seja bom ou, seja ruim, tem mais a ver com o “como” do que com o “quê”. Citando o caso de se operar efetivamente com estes

objetos, os textos. Na escola, enfoca-se, basicamente, o “quê” do texto, o seu conteúdo, mas ler um texto, para analisá-lo, deveria ser: desmontá-lo para perceber o modo “como” foi construído e os efeitos de sentido que produz. Essa é a principal preocupação de quem está empenhado em conferir alguma substância a essa noção, pois, desde os primeiros ensaios para conceituar o autor, sempre é levado em conta a relação deste com a sua obra, do locutor enquanto responsável pelo que diz.

AUTORIA: O QUE É? Tem-se falado cada vez mais em autoria¹. De alguma forma, pode-se dizer que os conceitos levados em conta para conferir alguma substância a essa noção – para objetivá-la de alguma forma – têm a ver com os conceitos de locutor (expressão que designa o “falante”, enquanto responsável pelo que diz), e com o de singularidade (na medida em que, de algum modo, chama a atenção para uma forma um tanto peculiar de o autor estar presente no texto; talvez uma noção revitalizada de estilo fosse aqui necessária). Embora o conceito de autoria não seja uniformemente empregado, embora, talvez, nem tenha sido objetivamente definido, se trata de uma noção de interesse.

¹ Não tenho ideia clara do que devo a quem. Li variados textos sobre a questão e ouvi outras tantas pessoas falando sobre isso em mesas e comunicações. Sou devedor a todos, mas, mesmo assim, espero estar organizando este ensaio de modo suficientemente pessoal. Caso contrário, não haveria razão para publicá-lo. (POSSENTI, 2009. p. 104).

Maingueneau (2008) em sua teoria, fala que apesar de a noção de autor, como é utilizada normalmente nos estudos de textos, ser construída sobre uma “restrição fundamental” que faz conservar o uso da palavra “autor” apenas àqueles que têm relação com a produção verbal. A “noção de autor” não é, com efeito, de forma alguma reservada somente a enunciados. Seu uso grassa pelos mais diferentes domínios e é largamente utilizada na esfera judiciária. Mas, a “noção de autor” que interessa ao linguista é, em primeiro plano, verificar em que condições um enunciado é suscetível de ter um autor.

Como a fonte alimentadora desse processo de aprendizado contínuo (NELL) é a Internet e as contribuições têm origens distintas e muito diversificadas, muitas anônimas até, a “[...] ideia de uma responsabilidade compartilhada e dinâmica, como é o caso de uma conversação, repugna ao uso que comumente se faz do nome ‘autor’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 38)

Para determinar a fronteira entre o funcionamento “relacional” do termo “autor” e o funcionamento “referencial” a partir de quando um autor de “X” torna-se apenas “um autor”, apoia-se na consideração de um critério de qualidade, como o sociólogo Leclerc,

Para ser considerado um autor, o sujeito enunciativo deve ter dado a suas palavras, a seu texto, uma marca própria que os distingue dos enunciados correntes, das afirmativas da vida cotidiana. A obra textual é um enunciado “original”, inovador,

que, à diferença das reproduções banais, dos clichês, dos estereótipos, dos preconceitos, encerra uma “ideia nova”, inédita, jamais dita na cultura. (Leclerc 1998 apud MAINGUENEAU, 2010, p. 34)

Michel Foucault tem também vasto legado abordando a questão da autoria e serve de respaldo e dá origens a citações para a grande maioria dos trabalhos sobre o tema. Em seu texto *A Ordem do Discurso*, que Orlandi (2004) toma emprestado, diz que o “[...] autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações. O que o coloca como responsável pelo texto que criou. Passamos, assim, da noção de sujeito para a noção de autor”.

Se a noção de sujeito encerra um lugar e não uma subjetividade, um mirante discursivo marcado pela sua descontinuidade nas diversas dissensões do texto, o efeito de continuidade do sujeito produzido pela organização do sentido do texto cuja responsabilidade é da função da noção de sujeito é uma noção de autor.

Após essas considerações, Orlandi (2004), diferentemente de Foucault (1975), que relaciona a noção de autor a situações enunciativas especiais, traz para o uso corrente a noção de autoria, desligando a função enunciativa do sujeito da de enunciador e de locutor, considerando a função autor presente sempre que o produtor da linguagem se representa na origem,

[...] produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim. Portanto traz ao corriqueiro do dizer comum afetado pela responsabilidade social: o autor responde pelo que diz e escreve, pois é suposto estar em sua origem. Assim, estabelecemos uma correlação entre sujeito/autor e discurso/texto (entre dispersão/unidade, etc.). (ORLANDI, 2004, p. 33).

No mesmo caminho, Maingueneau (2008) afirma que uma das três dimensões da noção de autor é a do autor enquanto correlato de uma obra, se qualquer texto possui, por natureza, um “responsável”, apenas um número restrito de indivíduos atinge o estatuto de “autor”. Sendo bastante para isso que ele seja associado a uma “obra”, mas a um *Opus* e não a qualquer *rol* de textos dispersos, o *Opus* pode ser constituído de apenas um texto, ou que apenas um texto, por ele produzido, tenha chamado a atenção. Subdividindo essas dimensões existem etapas que podem mostrar a emergência de um autor:

Considerando como primeiro estágio é perceptível uma autoralidade que se poderia considerar “dispersa” em que um “produtor” se situa como “responsável”. É o caso, por exemplo, de um jornalista que assina notícias de variedades; um padre que faz um sermão todo domingo, entre outros.

O produtor pode publicar coletâneas de textos para constituir um *Opus* ou texto de gêneros que o qualificam como autor (um romance, um ensaio). Nos casos de agrupamento pode ser elaborado por um terceiro, com ou sem a colaboração do produtor que pode até já estar morto.

Ainda, já num estágio mais avançado, o autor precisa ter uma “imagem de autor”, para ter o reconhecimento como “o autor”, esta imagem varia com a natureza de terceiros implicados. Este autor pode ter integrado ao seu *Opus* um conjunto de textos, independente de exprimir ou não seu ponto de vista pessoal, o preponderante, nesse caso, é a opinião de quem seleciona aqueles textos e não o fato de que os textos sejam ou não dele.

Outra questão a ser estudada é a natureza das entidades que podem ser consideradas como “os autores”, e uma série de parâmetros devem ser considerados. Analisando um determinado número de casos vamos refletir sobre os fatores que favorecem a ascensão a este estatuto. No caso de uma agência de publicidade, ao delegar a terceiros parte da elaboração de textos não será, por causa disso, a autora do trabalho, apesar de ser a responsável pelos textos. Já nos discursos políticos em que há um redator desses discursos, que não o próprio político e que independente de o texto dizer o que ele realmente pensa, é considerado sua opinião, e o responsável pela elaboração não é designado como autor e sim por outros qualificativos como: o “redator do”, “o homem que redige”, “fulano que escreve”.

Pode-se também perguntar se a problemática da polifonia lingüística, e de tudo o mais que gira em torno da heterogeneidade ou da modalização, não foi obstáculo para uma reflexão sobre a autoralidade. Estes trabalhos colocam, efetivamente, a questão da pluralidade das fontes enunciativas, mas permanecem em um espaço lingüístico. Eles se situam assim no prolongamento de alguns pressupostos fundadores da linguística moderna, que desafiam o escrito. De fato, é aos enunciados escritos que se atribui de maneira privilegiada um “autor”. Para os linguistas, como a autoralidade ultrapassa a estrita comunicação lingüística e se abrem para considerações que associam intimamente o jurídico e o textual no interior de configurações históricas singular, ela tende a aparecer como uma categoria confusa que vem embaraçar a transparência da linguagem. (MAINGUENEAU, 2010, p.27)

Maingueneau (2008) exemplifica a dificuldade em definir-se um autor na Internet com a desenfreada proliferação de “blogs”. O produtor de um blog pode pretender o estatuto de autor? Esse suporte oferece ao usuário, ou ao blogueiro, colocar “on-line” uma infinidade de textos, no ritmo que ele queira, e com extensão considerável, sem passar por restrições, como as que ocorriam nas edições normais de livros que lhe davam uma certa certificação de qualidade; o crivo dos editores eram motivos de limitações, em função das tecnologias utilizadas e dos custos, e o filtro dos profissionais da escrita, funcionando como reguladores

aos postulantes à notoriedade. Isso tudo exige uma sondagem aprofundada, cuidadosa e consciente de que esse novo sistema digital eletrônico fará parte do nosso cotidiano doravante, com uma influência ainda não mensurável.

A instabilidade natural da fonte prejudicará a identidade da obra, já que poderá alterar-se com frequência sem manter a versão anterior, diferente das outras obras com edições definidas.

Quer se trate da literatura galante, da literatura oral tradicional ou da literatura de blogs, em todos esses casos, por razões completamente diferentes as condições para constituir um autor não estão dadas: porque não há escrita, porque a produção é dominada pelas restrições da vida mundana, porque o suporte, a internet, opera contra a raridade e a estabilidade dos textos. (MAINGUENEAU, 2010, p. 36).

Mas pensar assim, seria aceitar como norma as figuras de autor associadas à escrita e ao impresso. Situação diferente encontramos em que são os *corpora conversacionais* os utilizados para análise, e nesse aspecto os analistas têm a impressão de que a questão da autorialidade fica sem interesse: os locutores existem em carne e osso, as falas que saem de suas bocas são suas falas. A instância do autor parece ser absorvida pela do locutor.

Na Análise de Discurso a preferência pelos corpora escritos pode ter sido motivada pela maneira de os analistas do Discurso mostrarem sua diferença, legitimarem um novo território.

O primado ou a hierarquia nos textos encontrados na Rede não são palpáveis, pois os processos e os métodos utilizados pelos buscadores, conforme afirma Abreu (2013), ao se produzir um site ou um blog, promove-se um ato de mudança no processo de autoria pelo seu funcionamento no espaço digital, porque enquanto parece haver um direito do sujeito/autor de autorizar a publicar, no caso dos blogs, há uma dispersão dessa autoria nas páginas visíveis ou ocultas na Rede, onde nem sempre se tem certeza de quem é o responsável pelos sentidos.

E se entendemos que a possibilidade de produção de textos em uma nova materialidade é uma questão que passa pela técnica, mas que é essencialmente histórica/política, podemos pensar que os resultados dos buscadores, como o Google, por exemplo, ao nos darem, muitas vezes, páginas soltas, nas quais nem sempre há elos para a página inicial do site encontrado, marcam uma visão chapada do texto, trazendo uma porosidade na autoria.

Nesse campo ou domínio “virtual”, nos certificamos dessa incompletude da linguagem, pois que não há um texto original, todos os textos têm alguma relação com outros textos existentes ou possíveis, já ditos ou imaginados e que o esquecimento é inerente à linguagem, mas conforme a asserção de Foucault,

entendemos que todos têm uma relação necessária com a exterioridade, produzindo, assim, suas relações de sentidos e pela dispersão do sujeito, que aparece em sua descontinuidade, o autor não completa o fechamento do texto, mas o autor desse sistema produzirá sentidos em seu texto dentro da sua singularidade, como afirmou POSSENTI, pois, ao contrário, não valeria a pena a publicação. Um analista do discurso consequente é obrigado a tomar conhecimento das transformações da autorialidade que isso não deixará de provocar. [...] Um dos problemas maiores que a noção de autor suscita é, com efeito, seu caráter radicalmente histórico. Quando, em 1969, Michel Foucault refletia sobre a “função autor” ele não podia desconfiar que certo número de propriedades do texto que ele pressupunha evidentes seriam minadas pelo desenvolvimento das novas tecnologias, a ponto de colocar em crise o universo no interior do qual sua fala se inscrevia.[...] todo texto implica certa autorialidade, e o mundo de onde emerge o texto implica ele próprio essa forma de autorialidade. (MAINGUENEAU, 2010, p. 37).

De acordo com Orlandi (2004) “É porque a história se inscreve na língua que esta significa. Daí o equívoco necessariamente constitutivo da significação que é ao mesmo tempo sistema e acontecimento.” As teorias e concepções de interdiscurso inserem-se, nessa pesquisa, considerando que toda fala tem apoio num “já dito”, e a palavra é sempre renovada, toma-se para si a palavra de outrem, trazendo novos sentidos, como concebe Bakhtin, e aqui, o projeto de dizer do autor será perscrutado numa só vertente-axial, dirigida por uma orientação pré-concebida, relacionando-se com todos os princípios plurívocos e ou multiformes, mas regida por uma objetivação unívoca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, A. S. C. de - **Políticas de Autoria**. São Carlos, SP: Edufscar. 2013.
- AMOSSY, R. **Imagens de autor**. In: Revista Linguagem, nº 19. Disponível: www.letras.ufscar.br/linguagem, 2012.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª ed., São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Fontes. 1992.
- BARONAS, R. L.; **Da prisão à liberdade condicionada: breves notas sobre a autoria**. In: BARONAS, R. L. **Ensaio em análise do discurso: questões analítico-teóricas**. São Carlos, SP: Edufscar, 2011.
- CHARTIER, R. **O que é um autor: revisão de uma genealogia**. São Carlos, SP: Edufscar, 2012.
- DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995b.
- _____. **A ordem do discurso**. Edições Loyola São Paulo, 1995.
- _____. **O que é um autor?** 3ª ed. São Paulo: Passagem, 1986.
- MAINGUENEAU, D. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI, E. P., 1942. **Interpretacao:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbolico. 2 ed. Petropolis: Vozes, 1998.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução a obra de Michel Pêcheux/ organizadores Françoise Gadet; Toni Hak; tradutores Bethania S. Mariani...[ET al.] . Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

POSSENTI, S. Indícios de autoria. In: POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.